

# **EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO FARROUPILHA DE PORTO ALEGRE**

Séfora Bertoldi

Orientador: Professor Dr. Guilherme Ribeiro de Macêdo

## **RESUMO**

A importância da educação financeira é um tema que vem ganhando visibilidade nos últimos anos. Cada vez mais, o conhecimento financeiro tem se mostrado essencial para o planejamento da vida moderna. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo verificar se a inclusão da educação financeira nas escolas pode ser uma aliada para a conscientização dos jovens e futuros adultos. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso com alunos do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Farroupilha de Porto Alegre, no qual foi possível concluir que esta prática traz resultados positivos, mas ainda é preciso maior divulgação e novos projetos para que esta cultura seja disseminada e possa fazer a diferença.

Palavras-chave: Educação financeira no Brasil. Educação financeira nas escolas.

## **ABSTRACT**

The importance of financial education is a topic that is gaining visibility in recent years. Increasingly, financial knowledge has been essential for planning modern life. Thus, the present study aimed to verify whether the inclusion of financial education in schools can be an ally to the awareness of young people and future adults. A literature search and a case study was conducted with students of the first grade of High School of Farroupilha School, in Porto Alegre in which it was concluded that this practice brings positive results, but it is still necessary a greater disclosure and new projects for this culture be widespread and make the difference.

Keywords: Financial education in Brazil. Financial education in schools.

## INTRODUÇÃO

A área financeira envolve uma gama de conteúdos, desde os mais simples aos mais complexos, desde um cálculo de juros compostos até modelos econométricos. Contudo, para ter uma vida financeira saudável, não é necessário um conhecimento aprofundado, mas é essencial que se conheça alguns conceitos e lições básicas de como funcionam, por exemplo, o cartão de crédito, a conta corrente, os planos de aposentadoria, inflação, taxas de juros, orçamentos, entre outros. Assim, o ensino da educação financeira ainda nas escolas pode servir de alicerce para a tomada de decisão dos indivíduos no presente e também no futuro.

Cada vez mais, a educação financeira vem ganhando espaço nos debates entre países e dentro da própria sociedade. No Brasil, este tema ainda não ganhou ampla divulgação e não faz parte do cotidiano da população. Apesar de já existirem programas de educação financeira, é um hábito que ainda não está inserido na cultura do brasileiro e dificilmente este assunto é tratado dentro de casa ou até mesmo nas escolas. As crianças crescem com pouca ou nenhuma noção sobre como gastar, poupar ou investir. Em alguns países como Inglaterra e Estados Unidos este tema já tomou proporções significativas e existem diversas alternativas de aprendizado sobre finanças.

Aprender a planejar o presente e o futuro financeiro é essencial para aqueles que pretendem manter suas finanças em ordem. Pensando nisso, alguns programas foram implementados nas escolas brasileiras. Atualmente, a iniciativa de educação financeira com maior expressão no Brasil é a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), oficializada através de um decreto no ano de 2010, baseada nos princípios e boas práticas estabelecidos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), para promover a difusão do conhecimento financeiro entre jovens e adultos.

O presente trabalho tem como objetivo geral estudar a educação financeira no Brasil e, através de pesquisas bibliográficas e um estudo de caso, observar se o ensino de finanças que vem ocorrendo nas escolas brasileiras está contribuindo para maior conscientização dos alunos, ou seja, agregando conhecimentos teóricos e práticos em assuntos financeiros básicos. O estudo de caso foi realizado com o Colégio Farroupilha de Porto Alegre, que possui ensino de educação financeira em algumas turmas. Aplicou-se um questionário com 30 perguntas visando analisar o comportamento e o conhecimento financeiro obtido pelos alunos.

Devido à proporção que o tema Educação Financeira veio adquirindo nos últimos anos é importante que pesquisas sejam realizadas e divulgadas sobre o assunto, pois possibilitam maior base de informações e novas ideias para pesquisas posteriores. Além disso, a educação financeira faz parte, atualmente, das políticas de inclusão social do governo. Como a maioria das escolas brasileiras ainda não adota a educação financeira como parte de seu currículo, espera-se que estudos nesta área incentivem cada vez mais esta prática.

Na próxima seção, serão demonstrados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho e na sequência será apresentado o referencial teórico. Na seção de análise e resultados serão abordados assuntos sobre a educação financeira no mundo, no Brasil e serão demonstrados os resultados do estudo de caso realizado. Por último, as considerações finais.

## **1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa será do tipo exploratória, pois busca uma maior familiarização com o tema estudado, através do aprimoramento das ideias. Em sua maioria, as pesquisas exploratórias são feitas com base em levantamentos bibliográficos ou entrevistas (GIL, 2002). O presente trabalho tem como objetivo estudar a educação financeira nas escolas brasileiras e, a partir disto, analisar se esta prática contribui para que alunos possam adquirir maior consciência financeira. Para tanto, as informações foram obtidas através de pesquisa bibliográfica e um estudo de caso. Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa é qualitativa, pois, conforme Raupp e Beuren (2006 apud Richardson 1999, pág. 80): busca identificar mudanças de comportamento, descrever determinado problema e compreender processos vividos na sociedade.

Como já mencionado acima, os procedimentos de coleta de dados utilizados foram a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é feita através de fontes de informação já existentes como livros, artigos científicos. Basicamente, todo tipo de pesquisa necessita de pesquisa bibliográfica, a diferença é que alguns a utilizam de forma exclusiva, enquanto outros apenas em parte. A principal vantagem deste tipo de procedimento é que o pesquisador pode ter acesso a uma ampla base de dados, ao contrário do que ocorreria se dependesse apenas do que pudesse pesquisar diretamente. Contudo, é preciso ter atenção na hora de selecionar os dados, as fontes devem ser seguras

para que possíveis erros não sejam reproduzidos. O presente trabalho analisa o cenário da educação financeira no mundo e principalmente no Brasil, focando os principais programas existentes no país.

Já o estudo de caso pretende observar na prática se a inserção da educação financeira em uma escola pode auxiliar os alunos a se tornarem cidadãos mais conscientes e preparados para a tomada de decisões financeiras. Segundo Gil (2002), o estudo de caso consiste em esmiuçar determinado objeto, de forma que se obtenha grande conhecimento sobre ele. Para Yin (2001, pag. 32), o estudo de caso *“é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”*. Além disso, o autor acredita que os estudos de caso são generalizáveis a suposições teóricas, assim como os experimentos, e não a populações ou universos.

O instrumento de pesquisa do estudo de caso é o questionário, o qual será aplicado na turma de 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Farroupilha, em Porto Alegre. Esta escola realiza o ensino de educação financeira para as turmas de 7ª e 8ª Série do Ensino Fundamental e 1º e 2º Ano do Ensino Médio. Não existe uma matéria específica para ensinar este conteúdo, mas atividades são realizadas de forma frequente dentro de outras matérias ou em palestras. O questionário é composto por 30 questões e foi realizado através de formulário online. As perguntas têm por objetivo verificar o perfil social e econômico do aluno, o seu conhecimento sobre conceitos financeiros e suas atitudes na prática. Algumas das questões utilizadas no questionário foram baseadas em outros trabalhos semelhantes.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

O reconhecimento da educação financeira como uma habilidade de vida para o século XXI lhe rendeu um papel importante na sociedade, o que levou instituições públicas e não públicas a tomarem iniciativas de desenvolvimento da educação financeira. O avanço da tecnologia da informação e telecomunicações permitiu a evolução de produtos e serviços financeiros. Com maiores facilidades de acesso ao crédito, tanto em países desenvolvidos como em economias emergentes, surgiram preocupações com relação ao endividamento de parte da população (OCDE, 2013).

Visando estabelecer um padrão internacional e incentivar a educação financeira, a OCDE iniciou, no ano de 2003, o Projeto de Educação Financeira. Em 2005, divulgou um documento de recomendações para todos os países, no qual constavam os princípios e as boas práticas de educação financeira e consciência. Neste documento, a OCDE definiu a educação financeira como sendo um instrumento de proteção aos indivíduos, pois permite que os mesmos compreendam os produtos financeiros e também os riscos a eles associados. Dentre as boas práticas sugeridas, destaca-se a seguinte: “9. *A educação financeira deve começar na escola. As pessoas devem ser educadas sobre as questões financeiras o mais cedo possível em suas vidas*”. Ainda, conforme Pinheiro (2008), no ano de 2008, a OCDE lançou o portal internacional da educação financeira com a finalidade de troca de experiência entre os países, possibilitando a formação de um banco de dados internacional e contribuições sobre os programas de educação financeira de cada país.

No Brasil, através do Decreto nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010, foi criada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) com o objetivo de difundir a educação financeira e previdenciária. A partir daquele momento, a ENEF passa a ser considerada uma política de Estado de caráter permanente (VIDA E DINHEIRO, 2014 a). Com base na definição feita pela OCDE, a ENEF adaptou o conceito de educação financeira à realidade brasileira. Conforme está disponível no site Vida e Dinheiro, criado pela própria ENEF, a educação financeira é um instrumento para desenvolvimento das habilidades financeiras, dando maior segurança nos momentos de tomada de decisão, permitindo uma maior consciência com relação às finanças pessoais:

“o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros. Com informação, formação e orientação claras, as pessoas adquirem os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos a elas associados e, então, façam escolhas bem embasadas, saibam onde procurar ajuda e adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, a Educação Financeira é um processo que contribui, de modo consistente, para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro”.

Na visão de Savoia et al (2007), a educação financeira é um processo de transmissão de conhecimento que possibilita uma maior compreensão e segurança com relação às decisões financeiras, ampliando o bem-estar. As mudanças tecnológicas, econômicas e regulatórias aumentaram a complexidade dos produtos financeiros, porém, o conhecimento da população não acompanhou esta evolução. Neste mesmo trabalho, o autor comenta sobre a situação da

educação financeira no Brasil e conclui que existe uma urgência na inserção do tema em todas as esferas, principalmente levando em conta a desigual distribuição de renda no país, o que exige uma aptidão por parte das famílias para alocar os recursos escassos de forma ótima.

Para Pinheiro (2008), a educação financeira é a habilidade de o indivíduo realizar escolhas adequadas financeiramente durante sua vida. Esta habilidade individual pode influenciar no bem estar material da sociedade como um todo e auxiliar nas decisões do dia a dia de cada um. Para este autor, a educação financeira é também muito importante no sentido de incitar as pessoas com relação à previdência complementar, considerando que os sistemas públicos de previdência estão passando por diversas transformações devido às mudanças demográficas que vêm ocorrendo nos últimos anos, e à necessidade de escolhas individuais de instrumentos financeiros. Para Claudino et al (2009), as mudanças ocorridas nos últimos anos exigem que as pessoas busquem por mais informações. Assim, a educação financeira é importante como meio de compreensão e interpretação de números, permitindo que os indivíduos saibam se planejar financeiramente, mantendo um consumo saudável e o futuro das finanças pessoais equilibrado.

De outra forma, independente da educação financeira, muitas pessoas acabam tomando decisões por impulso. Tais decisões, muitas vezes, podem ser explicadas por fatores culturais e psicológicos. Para Kotler e Keller (2006), o comportamento no momento de realizar compras pode ser baseado em características culturais, sociais, psicológicas, familiares, pessoais. Para estes autores, a cultura é o fator de maior influência na conduta do indivíduo. Conforme a criança cresce ela observa o comportamento com relação ao dinheiro na sua família, na região em que reside e nas instituições. Segundo Barbosa et al (2012), a atual diversidade de produtos e serviços financeiros disponibilizados, permite que o consumidor obtenha crédito mais facilmente. Isto acaba se tornando um estímulo ao consumo e conseqüentemente ao endividamento, muitas vezes influenciados por razões internas, externas ou socioculturais. A falta de planejamento pode levar o indivíduo a assumir riscos e perdas, além de comprometer sua qualidade de vida.

Estudos sobre este tipo de comportamento considerado não racional, denominados de Finanças Comportamentais, surgiram nos últimos anos impulsionados principalmente pelas incoerências criadas pelas crises financeiras. Estas incoerências não podiam ser explicadas pelas teorias financeiras baseadas nas ideias de comportamento racional de até então (ROGERS et al, 2008). Para Pindyck e Rubinfeld (2006), muitas vezes, o comportamento dos

indivíduos se contradiz às premissas estabelecidas pela teoria de escolha racional do consumidor, porém, isto não quer dizer que esta teoria deve ser deixada de lado, pois, embora não explique todas as decisões, ilustra muitas delas. Apoiada em diversos pressupostos, a teoria de escolhas racionais busca compreender basicamente de que forma o consumidor irá alocar sua renda entre os bens disponíveis e como esta escolha irá refletir na demanda dos diversos bens e serviços.

Trabalhos relacionados ao tema da educação financeira já foram realizados anteriormente. Chen e Volpe (1998) apresentaram algumas pesquisas realizadas nos Estados Unidos da América com estudantes, empregados e população em geral, em meados da década de 1990. Em todas elas foi possível notar que a maioria dos entrevistados não detinha conhecimento suficiente para tomar suas decisões financeiras. Neste mesmo artigo, os autores relataram sobre uma pesquisa realizada com 924 estudantes universitários de todo o país, também na década de noventa. Eles observaram que apenas 53% das perguntas foram respondidas corretamente e constataram, então, que o nível de conhecimento sobre finanças pessoais era baixo até mesmo entre estudantes universitários. Tal resultado levou os autores a concluir que este baixo nível de conhecimento limita a capacidade de tomada de decisão, e quando os indivíduos não sabem tomar suas decisões financeiras adequadamente, isto acaba se tornando um problema para a sociedade. Além disso, consideram a falta de educação financeira como um problema sistemático. Já naquela época, os autores comentaram sobre a importância do gerenciamento das finanças pessoais, de como é necessário preparar os investimentos de longo prazo para aposentadoria e educação dos filhos, e também os de curto prazo como as férias, compra de carro e outros itens caros.

Santos (2011) realizou uma pesquisa sobre educação financeira com alunos do ensino médio de escolas públicas de Porto Alegre e Alvorada, no Rio Grande do Sul. O autor constatou que a grande maioria dos alunos não possuía conhecimentos básicos sobre finanças e muito disso ainda era devido ao fato de a cultura nacional não ter absorvido a ideia da educação financeira se tornar parte do dia a dia nas escolas. Boa parte dos alunos demonstrou interesse em aprender mais sobre o assunto, confirmando que existe uma lacuna a ser preenchida em nosso estado e país neste sentido.

Nos mesmos moldes do trabalho supracitado, Machado (2011) realizou uma pesquisa com escolas da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Seu objetivo era verificar quais escolas já implementaram a educação financeira no seu currículo. Foi constatado que a

maioria das escolas ainda não havia incluído a disciplina no dia a dia dos alunos, sendo que as escolas que atendem jovens de baixa renda são as que menos abordam este tipo de conteúdo. A maior parte das justificativas para não aderir a esta prática foi o fato de que ainda não existem documentos que formalizem a obrigatoriedade do tema dentro das salas de aula e a própria inexperiência e falta de conhecimentos dos professores.

### **3. ANÁLISE E RESULTADOS**

#### **3.1 Contextualizando a Educação Financeira**

Alguns países já abordam o tema da educação financeira há algum tempo. Desde a década de 80 do século XX, os Estados Unidos da América têm se preocupado com esta questão, sendo um dos primeiros países a refletir sobre a relevância deste assunto. Foi criado em 1984 o Fundo Nacional para a Educação Financeira (National Endowment for Financial Education – NEFE), um programa de planejamento financeiro voltado para alunos da High School, que seria o equivalente ao ensino médio no Brasil. Já no Reino Unido, a disciplina de educação financeira é facultativa no currículo escolar desde 2001 (SAVOIA et al, 2007).

Atualmente, existem vários projetos voltados para a educação financeira no Brasil. Conforme levantamento realizado pela ENEF em parceria com a Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), entre setembro e novembro de 2013, existiam cerca de 803 iniciativas relacionadas à educação financeira. Para a análise dos dados, porém, foram consideradas como amostra apenas 317 destas iniciativas, pois este foi o número de instituições que preencheu voluntariamente o formulário da ENEF, que constava no site Vida e Dinheiro do governo federal. Nesta amostra foi possível identificar quatro grupos distintos: projetos que priorizam o estudo de crianças e jovens (31%); ações de abrangência nacional, que visam levar o conhecimento financeiro ao público em geral (25%); treinamento e consultoria a públicos específicos (24%) e iniciativas de instituições privadas, que buscam qualificar o seu próprio mercado de atuação (20%). Dentre os projetos compreendidos pela amostra, 50% têm abrangência nacional e 60 % são gratuitos. Os principais objetivos são promover a autonomia, consciência, cidadania e uma cultura ética. Com relação ao alcance de público, 46% das iniciativas atendem até 500 pessoas por ano e 20% atendem mais de 10.000 pessoas por ano. As faixas etárias mais envolvidas são as de jovens (45%) e adultos (42%) e a

formação educacional da maioria dos beneficiários é ensino médio (39%) e superior (34%) (VIDA E DINHEIRO, 2014 b).

Em outro estudo, realizado com a parceria do Banco Mundial, a ENEF implantou e avaliou um projeto piloto de educação financeira para alunos de ensino médio em vários estados do Brasil, nos anos de 2010 e 2011. A educação financeira foi inserida no currículo de diversas disciplinas, além de atividades realizadas em casa e um workshop apenas para pais e responsáveis. O objetivo era verificar o impacto causal sobre o conhecimento financeiro dos alunos e famílias, sobre as atitudes e tomada de decisão, assim como o bem estar-econômico. As escolas foram selecionadas aleatoriamente para participarem de dois grupos, o grupo de “tratamento”, que recebeu o projeto de educação financeira e o grupo de “controle”, que não recebeu, para que no final do estudo fosse observada a evolução do grupo de tratamento em relação ao grupo de controle. Esta avaliação envolveu cerca de 900 escolas e 26.000 alunos de seis estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Tocantins, Minas Gerais e o Distrito Federal. Foram realizadas três avaliações durante o período do estudo. Uma avaliação preliminar em agosto de 2010, outra em dezembro de 2010 e uma avaliação final em dezembro de 2011. No geral, apesar do período de aplicação ser considerado relativamente curto, os resultados obtidos foram positivos, indicando maior autonomia financeira e intenção de poupar, assim como maior participação dos alunos nas finanças domésticas, além da adesão à lista de despesas domésticas por parte dos responsáveis e a confirmação do comportamento poupador dos filhos. Observou-se também que os efeitos da educação financeira foram mantidos no curto e longo prazo, o que permitiu verificar a sustentabilidade e longevidade do treinamento recebido (BMF&BOVESPA, 2012).

Segundo a OCDE (2013), 45 países, tanto desenvolvidos como emergentes, implantaram ou estão implantando uma estratégia nacional de educação financeira. A difícil situação econômica e financeira e a necessidade de um maior diálogo sobre as políticas internacionais contribuíram para o aumento do número de países que aderiram à criação de uma estratégia nacional nos últimos anos. Em 2012, a OCDE realizou o Programa Internacional de Avaliação dos Alunos (Programme for International Student Assessment – PISA), uma avaliação sobre educação financeira aplicada em alunos com idade entre 15 e 16 anos de 65 países. A China foi o país que apresentou a maior média de pontos na área da educação financeira, seguida por Bélgica, Estônia, Austrália, Nova Zelândia, República Checa e Polônia.

### **3.2 Estudo de Caso com o Colégio Farroupilha**

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos através da entrevista realizada com os alunos do Colégio Farroupilha de Porto Alegre. Nesta escola, o ensino da educação financeira ocorre principalmente através de projetos nas turmas de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> Série do Ensino Fundamental e 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> Ano do Ensino Médio. Ocasionalmente, outras séries também participam de alguns projetos, inclusive a Educação Infantil e anos iniciais. Não existe uma matéria específica para o conteúdo, a educação financeira é ensinada juntamente com outras matérias e palestras. Através de um formulário online, 62 alunos do 1<sup>o</sup> Ano do Ensino Médio responderam 30 questões. A faixa etária dos alunos encontra-se entre 14 e 16 anos, sendo que 65% têm 15 anos, e 53% são do sexo feminino.

De início, os alunos foram questionados sobre a importância do conhecimento básico em finanças para suas vidas, 95% dos alunos responderam que consideram o assunto importante, sendo que a grande maioria destes respondeu que deseja estar preparado para o futuro e sabendo administrar o seu próprio dinheiro. Além disso, 97% consideram necessário incluir educação financeira nas escolas brasileiras, seja através de aulas específicas, aulas em conjunto com outras matérias ou palestras. Os alunos também foram questionados quanto ao nível de conhecimento em finanças que consideram possuir e 58% acreditam ter um nível médio de conhecimento, 21% um nível baixo, 18% alto e 2% muito alto.

Com relação ao núcleo familiar, 69% dos alunos consideram sua família equilibrada financeiramente, 16% a consideram gastadora e 15% poupadora. Ainda, 50% informaram que sua família possui uma renda mensal superior a 7 salários mínimos, 37% não souberam responder, 5% possuem renda até 2 salários, 5% possuem renda entre 5 e 7 salários e 3% possuem renda entre 2 e 5 salários. Quanto ao número de moradores na casa, incluindo o próprio aluno, 44% informaram 4 pessoas, 29% informaram 3 pessoas, 13% confirmaram 5 pessoas, 10% confirmaram 2 pessoas e 5% mais de 5 pessoas.

Os alunos também foram questionados se os pais ou responsáveis já os haviam chamado para ter uma conversa sobre dinheiro. Ao contrário do que se poderia esperar, 87% afirmaram que sim, que já haviam conversado sobre tal assunto. Boa parte deste resultado positivo pode ter sido um reflexo do alto nível de instrução dos pais ou responsáveis, conforme descrito a seguir. Com relação aos pais, 61% possuem pós-graduação, 18% têm o ensino superior completo, 8% ensino superior incompleto, 3% ensino médio completo, 2% ensino médio

incompleto e 8% dos alunos não souberam responder. Situação semelhante acontece com relação à escolaridade das mães, sendo que 61% possuem pós-graduação, 29% têm ensino superior completo, 7% ensino médio completo e 3% não souberam responder.

Verificou-se também que 69% dos alunos recebem mesada e 65% ainda não possuem conta corrente bancária. Entretanto, 82% possuem conta poupança, o que pode indicar intenção em poupar. Também é possível considerar que a poupança seja mantida pelos próprios pais, com intuito de acumular reservas para o futuro do filho. Com relação ao comportamento financeiro dos alunos foram feitos quatro questionamentos. Sobre planejamento de gastos, 71% afirmaram que costumam planejar antes de realizar compras e 63% informaram que costumam poupar com frequência. Entretanto, quando questionados sobre o motivo de realizarem uma compra, 69% responderam que compram para satisfazer uma vontade, enquanto que 31% para satisfazer uma necessidade. Esta última questão demonstra que, na prática, nem sempre é aplicado o que se pretende na teoria. Financeiramente falando, seria ideal que, na maioria das vezes, uma compra fosse realizada por conta de uma necessidade e não de uma vontade. Afinal, se na maioria das vezes as compras forem feitas por impulso ou vontade momentânea, será mais difícil para a pessoa adquirir um bem que seja realmente necessário para seu futuro. A questão seguinte também foi feita para verificar a atitude dos entrevistados na hora de realizar uma compra. Perguntou-se qual seria a melhor opção para adquirir um notebook e 56% responderam que economizariam para conseguir comprar à vista, 31% analisariam as condições oferecidas pelo vendedor, 13% fariam um parcelamento na loja ou site da compra. A opção de fazer um empréstimo no banco não foi escolhida por nenhum dos alunos, indicando que todos já estão cientes das vantagens e desvantagens das diferentes formas de pagamento e de que o empréstimo bancário, muitas vezes, não é uma boa escolha.

Questionou-se também, se os alunos saberiam explicar a diferença entre juros simples e juros compostos, e 69% disseram que não. Com relação à “Previdência Complementar” o resultado foi semelhante, 61% informaram que não tinham conhecimento do termo. Como é possível observar, a maioria ainda não sabe o significado destes conceitos básicos, que podem ser importantes para uma boa decisão financeira. O desconhecimento sobre a “Previdência Complementar”, por exemplo, pode impedir o planejamento de uma aposentadoria com melhor qualidade de vida.

As próximas cinco questões também foram realizadas com o objetivo de observar se os alunos já conheciam alguns dos conceitos básicos utilizados em finanças. Duas perguntas foram respondidas com as próprias palavras dos entrevistados e as outras três apresentavam três opções de resposta para serem assinaladas. A primeira destas perguntas questionava sobre a definição do termo “cheque especial” ou “limite de conta”, e 48% informaram que não sabiam explicar, 29% responderam, porém, de forma incorreta, e 26% responderam corretamente. Dentre as respostas consideradas corretas destacaram-se as seguintes: “É quando se gasta mais do que o dinheiro disponível na conta bancária e o banco empresta dinheiro à pessoa”; “Gastar além do que se pode e então o banco te empresta dinheiro”; “Um empréstimo feito pelo banco utilizado para pagar suas contas quando sua conta no banco está zerada; “Ele te financia se a pessoa estiver falida, porém com juros altos”. As respostas citadas foram consideradas corretas, mas como podemos ver, elas passam apenas uma ideia geral, demonstrando que alguns alunos possuem uma boa noção do significado, mas não completamente, pois alguns não mencionam os altos juros ou a forma automática de empréstimo, característica do cheque especial. A segunda questão foi definir para que serve o cartão de crédito. A maioria respondeu que serve para comprar sem precisar de dinheiro vivo ou que serve para comprar e pagar depois. Foi possível notar que boa parte dos alunos possui uma noção básica sobre o cartão de crédito, mas nenhum chegou a citar o fato de que também poderão ser cobrados juros se as faturas forem pagas atrasadas ou caso seja pago apenas o valor mínimo. As três questões seguintes foram de múltipla escolha. A primeira questionou sobre o que é o Banco Central do Brasil, 79% optaram pela resposta certa: “O “banco dos bancos”, que supervisiona o sistema financeiro nacional”. A segunda pergunta tratou sobre a função da taxa Selic e 42% marcaram a resposta correta: “Define todas as outras taxas da economia”. E a terceira questão pediu que os alunos definissem a inflação, 89% acertaram: “É o aumento generalizado dos preços em um determinado país”.

Para as duas últimas questões foram utilizados exemplos práticos. A primeira questão tratou indiretamente sobre a compreensão do significado de liquidez, pois questionou de que forma uma pessoa poderia obter um valor em dinheiro de forma mais rápida. Foram disponibilizadas três alternativas de respostas e 53% optaram pela correta: “Sacando suas economias da poupança”. As outras respostas atingiram 24% (Vendendo seu carro) e 23% (Vendendo as ações que possui). A última questão descreveu a situação financeira de um indivíduo e questionou sobre quantos meses seriam necessários poupar para que ele pudesse comprar à vista um bem, 65% optaram pela resposta correta (6 meses).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto no decorrer do trabalho, a educação financeira ainda não ganhou ampla divulgação no Brasil, mas aos poucos vem conquistando um espaço importante no dia a dia das pessoas seja através de palestras, aulas nas escolas, debates entre os países. O documento contendo os princípios e boas práticas de educação financeira e consciência, divulgado pela OCDE em 2005, pode ser considerado um marco para a difusão da educação financeira pelo mundo. A partir daí, muitos países passaram a prestar mais atenção no assunto e refletir sobre alternativas de inseri-lo no contexto de sua sociedade. Em 2010, o Brasil decretou a criação de sua Estratégia Nacional de Educação Financeira e a educação financeira passou a ser considerada política de Estado de caráter permanente.

O presente trabalho teve como objetivo estudar a educação financeira no Brasil e verificar se a inserção deste tema nas escolas poderia conscientizar financeiramente os alunos. Através do estudo de caso percebeu-se que é possível conscientizar os alunos, pois muitos já possuem boas noções em finanças e aplicam o conhecimento na prática. Sair da escola com noções de juros, orçamentos, inflação, cartão de crédito, previdência privada, conta corrente, entre outros, poderá ajudar o aluno a planejar seu futuro e refletir sobre as decisões que vão surgir nas diferentes etapas da vida. Caso um dos alunos fizer um estágio na faculdade, possivelmente precisará abrir e movimentar uma conta corrente. Além disso, poderá optar por um planejamento desde cedo e criar uma poupança para sua formatura. Com a valor do estágio terá de tomar decisões de como utilizar o dinheiro, se irá poupar, se irá comprar algo que está precisando ou algo que é apenas uma vontade, poderá fazer um orçamento de seus gastos, enfim, este exemplo resume e demonstra de fato a importância da conscientização desde cedo. Em trabalhos anteriores, alguns resultados também foram positivos como no caso do projeto piloto realizado pela ENEF entre 2010 e 2011, no qual foi observada uma maior autonomia financeira e intenção de poupar dos alunos. Entretanto, um trabalho realizado em 2011 na região metropolitana de Porto Alegre constatou que a grande maioria dos alunos não possuía conhecimentos básicos sobre finanças, mesmo recebendo este tipo de informação em sua escola. O autor concluiu que isto se devia principalmente ao fato de a cultura nacional ainda não ter absorvido a educação financeira como parte do dia-a-dia, demonstrando que nem sempre o ensino da educação financeira é eficaz nos locais aonde chega.

Por isso, apesar dos esforços já existentes, é necessário um trabalho de continuidade e de divulgação da educação financeira. Algumas mudanças importantes ainda são necessárias em

nosso país, afinal, a maioria das escolas brasileiras não introduziu este conteúdo em seu currículo. Além disso, é preciso considerar que muitas escolas do Brasil enfrentam enormes dificuldades para manterem-se apenas ensinando as matérias obrigatórias, o que dizer dos conteúdos que são opcionais, como a educação financeira? Considerando tal situação, é coerente afirmar que a educação em geral está necessitando de maior atenção no Brasil. Lembrando que maior atenção não significa exatamente mais dinheiro a ser investido, afinal, conforme o relatório Pisa (2012) da OCDE, existe uma relação positiva entre os recursos investidos na educação e o desempenho, mas até certo ponto. Os países com melhor desempenho são aqueles que tendem a distribuir de forma igual os recursos entre as escolas socioeconomicamente favorecidas e desfavorecidas.

Assim, este trabalho pretendeu contribuir para a divulgação da importância da educação financeira e da educação em geral na sociedade. Para futuros trabalhos sugere-se aplicar um questionário semelhante, porém mais aprofundado, em diversas escolas de Porto Alegre e região para que através de um estudo de caso múltiplo seja possível comparar as diversas realidades.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARBOSA, Josilene da Silva; SILVA, Marli Auxiliadora da; PRADO, Rejane Alexandrina Domingues Pereira do. Orçamento Doméstico: sondagem de opinião do consumidor no Pontal do Triângulo Mineiro. IX Congresso Virtual Brasileiro, 2012. Disponível em: <<http://www.convibra.com.br>>. Acesso em: 12 de maio de 2014;

BMF&BOVESPA (2012). Resultados da avaliação de impacto do projeto piloto de educação financeira nas escolas. In: 2º Workshop de Divulgação dos Resultados da ENEF. Disponível em: <<http://www.aefbrasil.org.br>>. Acesso em: 12 de junho de 2014;

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. An analysis of Personal Financial Literacy Among College Students. *Financial Services Review*, 7 (2): 107-128, 1998;

CLAUDINO, Lucas P.; NUNES, Murilo B.; SILVA, Fernanda C.; *Finanças Pessoais: Um estudo de caso com servidores públicos*. Universidade Federal de Viçosa, 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013;

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002;

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. *Administração de Marketing*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 12ª ed., 2006;

MACHADO, Diego R. *Educação financeira nas escolas de Porto Alegre*. Monografia - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011;

OCDE (2005). Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Acesso em: 26 de junho de 2014;

OCDE (2012). PISA 2012 Results in Focus: What 15-year-olds know and 2 what they can do with what they know. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Acesso em: 22 de julho de 2014;

OCDE (2013). Advancing National Strategies for Financial Education: A Joint Publication by Russia's G20 Presidency and the OECD. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Acesso em: 26 de junho de 2014;

PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. Microeconomia. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 6ª ed., 2006;

PINHEIRO, Ricardo Pena. Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. São Paulo: Instituto San Tiago Dantas de Direito e Economia e Editora Peixoto Neto, 2008;

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In. BEUREN, Ilse Maria. (Org). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006;

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3º ed. São Paulo, Atlas, 1999;

ROGERS, P.; FAVATO, V.; SECURATO, J. R. Efeito Educação Financeira no Processo de Tomada de Decisões em Investimentos: Um Estudo a Luz das Finanças Comportamentais In: II Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (ANPCONT), Salvador, 2008;

SANTOS, Pablo G. G. Análise do conhecimento financeiro dos alunos de ensino médio. Monografia – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011;

SAVOIA, José R. F.; SAITO, André T.; SANTANA, Flávia A. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública, 41 (6), p. 41- 1121, 2007;

VIDA E DINHEIRO (2014 a). O que é ENEF? Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em: 16 de março de 2014;

VIDA E DINHEIRO (2014 b). Mapa da educação financeira no Brasil: uma análise das iniciativas existentes e as oportunidades para disseminar o tema em todo país. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br>>. Acesso em: 03 de julho de 2014;

YIN, Robert K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi - 2ª edição - Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A

### Questionário

1. Qual a sua idade?
2. Sexo?
  - ( ) Masculino
  - ( ) Feminino
3. Qual a série que você está cursando?
4. Você considera importante para sua vida adquirir conhecimentos básicos sobre finanças? Por quê?
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
5. Você acha necessário incluir educação financeira nas escolas brasileiras? De que forma?
  - ( ) Sim, com uma matéria específica
  - ( ) Sim, juntamente com conteúdos de outras matérias
  - ( ) Sim, com palestras
  - ( ) Não acho necessário
  - ( ) Outro: \_\_\_\_\_
6. Qual o método usado pela sua escola para ensinar educação financeira?
  - ( ) Com uma matéria específica de Educação Financeira
  - ( ) É ensinada juntamente com conteúdos de outras matérias
  - ( ) Através de palestras
  - ( ) Outro: \_\_\_\_\_
7. Com que frequência você recebe educação financeira em sua escola?
  - ( ) Uma vez na semana
  - ( ) Mais de uma vez por semana
  - ( ) Mensalmente
  - ( ) De forma aleatória
8. Você considera que o seu nível de conhecimento financeiro é:
  - ( ) Baixo
  - ( ) Médio
  - ( ) Alto
  - ( ) Muito alto

9. Seus pais ou responsáveis já conversaram sobre dinheiro com você?
- Sim
- Não
10. Quantas pessoas moram na sua residência (incluindo você)?
- 2
- 3
- 4
- 5
- Mais de 5
11. Em que faixa salarial sua família se encontra? (Considere 1 salário mínimo o valor de R\$ 724,00)
- Até 2 salários mínimos
- De 2 a 5 salários mínimos
- De 5 a 7 salários mínimos
- Acima de 7 salários mínimos
- Não sei
12. Você recebe mesada?
- Sim
- Não
13. Você costuma planejar seus gastos?
- Sim
- Não
14. Você costuma poupar algum valor?
- Sim, com frequência
- Sim, algumas vezes
- Não
15. Na maioria das vezes, você realiza uma compra:
- Porque seus colegas também compraram
- Para satisfazer uma vontade sua
- Para satisfazer uma necessidade sua
- Outro motivo: \_\_\_\_\_
16. Na maioria das vezes, você considera sua família:
- Poupadora

- Gastadora
- Equilibrada

17. Qual o grau de escolaridade da sua mãe?

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-graduação
- Não sei

18. Qual o grau de escolaridade do seu pai?

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Superior completo
- Pós-graduação
- Não sei

19. Você sabe explicar a diferença entre juros simples e juros compostos?

- Sim
- Não

20. Na sua opinião, qual é a melhor opção para comprar um notebook?

- Fazer um empréstimo no banco
- Fazer um parcelamento na própria loja/site
- Economizar para conseguir comprar à vista
- Irá depender das condições oferecidas pelo vendedor

21. Você possui conta corrente em algum banco?

- Sim
- Não

22. Você possui conta poupança em algum banco?

- Sim

- Não
23. O cheque especial (também chamado de limite de conta) é:
24. O cartão de crédito serve para:
25. Você sabe o que significa Previdência Complementar?
- Sim
- Não
26. O Banco Central do Brasil (BACEN) é:
- O “banco dos bancos”, que supervisiona o sistema financeiro nacional
- Um banco com a finalidade de emprestar dinheiro para qualquer cidadão brasileiro
- Um banco destinado a realizar apenas operações de crédito imobiliário
27. A taxa SELIC:
- É utilizada apenas para empréstimos de longo prazo
- Define todas as outras taxas da economia
- Serve para medir o preço de uma moeda em relação à outra
28. A inflação:
- É o aumento generalizado dos preços em um determinado país
- É a queda generalizada dos preços em um determinado país
- Mantém constante o valor do dinheiro no tempo
29. Maria está precisando de dinheiro para uma emergência. De que forma ela poderia obter o dinheiro mais rapidamente?
- Vendendo seu carro
- Sacando suas economias da poupança
- Vendendo as ações que possui
30. João ganha R\$ 1.000,00 por mês. Ele gasta R\$ 400,00 com aluguel, R\$ 200,00 com alimentação, R\$ 100,00 com transporte, R\$ 50,00 com roupas, R\$ 50 com remédios e R\$ 50,00 com despesas diversas. Ele deseja comprar uma máquina de lavar roupas que custa R\$ 900,00. Quanto tempo João deverá guardar dinheiro para comprar a máquina de lavar roupas à vista?
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7